



Rankings, para que vos quero?

Foram mais uma vez publicados os (in)populares *rankings* das escolas secundárias, baseados nos resultados dos exames nacionais do 12º ano.

O Público, um dos jornais que desde início se bateu por esta divulgação, dedicou um caderno de 40 páginas ao tema onde incluiu, para além dos *rankings* por escola e disciplina, diversos artigos sobre o assunto.

No editorial intitulado "Mais exigência e mais atenção às escolas", José Manuel Fernandes destaca, entre outros aspectos, os elementos que considera caracterizar as escolas que ocupam os lugares cimeiros. Diz ele que "a par com a vantagem de disporem à partida de alunos com mais apoio familiar (...), todas elas [escolas] fizeram da cultura da exigência o seu lema (...)", referindo como *elucidativa* deste fenómeno uma escola privada de Vila Real, que apesar de situada na região com os piores resultados do país, conseguiu alcançar este ano o topo da lista — tendo por isso direito a uma reportagem publicada no referido caderno, com o promovido título *Privado de Vila Real protagoniza subida no ranking*. No entanto, a sua leitura atenta não nos pode deixar indiferentes sobre o que se entende por *cultura de exigência*. O seu director explicá preto no branco que há uma regra que os professores são obrigados a cumprir com rigor: "A nota interna dos alunos não pode descer uma décima no exame (...) Em exame, um aluno pode valer mais, menos nunca." O professor de Biologia concretiza melhor esta ideia, com uma frase que nos parece também ela elucidativa: "Somos muito rigorosos na avaliação e não inflacionamos as notas (...)" No ano passado, por exemplo, dos nove alunos que frequentaram o 12º ano, apenas três fizeram exame a Português B, conseguindo uma média final de 13,4 valores."

Comentários para quê? Para expor a jigajoga estatística que remete o dito colégio para as vertigens dos rankings não valeria a pena ... mas está aqui presente um conceito que merece a nossa atenção: "Cultura de exigência" ... Será esta a exigência que pretendemos?! Que escola será mais exigente? Uma que consegue que quase todos os seus alunos tenham aproveitamento e vão, portanto, a exame, contabilizando uma média de 10 ou 11 valores, ou a que levou a exame apenas 20 ou 30% dos alunos e assim consegue obter média de 14? O que será afinal uma escola exigente? E em função de quem se define? Em torno do quê?

As leituras simplistas dos *rankings* podem conduzir-nos a conclusões muito erradas e, o que é mais grave, podem ter implicações negativas sobre o funcionamento das escolas. Mas, concordando-se ou não com a divulgação dos *rankings*, temos que reconhecer que num aspecto José Manuel Fernandes tem razão. De facto, o Ministério da Educação "nada tem feito para apoiar as escolas que estão no fundo da tabela". Para que servem afinal os *rankings*? Para informar os pais — os pais com possibilidades de escolha ... — de quais as escolas que prometem melhores notas aos seus filhos? Será aceitável que se invista na realização de estudos, se divulguem os seus resultados, se deixem publicar *rankings* ano após ano, e que nada se tente fazer para perceber e resolver os problemas existentes? É caso para perguntar, *rankings*, para que vos quero?

Adelina Precatado
Esc. Sec. de Camões
Aña Paula Canavarro
Universidade de Évora

Mais exigência e mais atenção às escolas

O antigo ministro da Educação Marçal Grilo costuma dizer



MANUEL NANDEDE

a ser tirados. Isto é: se os "ranking" permitem perceber as escolas onde os alunos obtêm melhores resultados (o que é muito importante para os pais quando estes têm liberdade de escolha) também indicam quais as que têm piores resultados — o que deveria levar o Ministério a desencadear acções destinadas a melhorar as condições em que essas escolas trabalham. Porque é possível

fundo da tabela? Aparentemente nada, pois de ano para ano os seus resultados têm piorado de uma forma quase geral

O que tem feito o Ministério para apoiar as escolas que estão no fundo da tabela? Aparentemente nada, pois de ano para ano os seus resultados têm piorado de uma forma quase geral

As piores escolas estão a ficar piores ou mais distantes das melhores, o que acentua as assimetrias.

Mostra que os ensinamentos que o mestradomínio e, de forma geral, acéfalo Ministério deveria tirar dos resultados que têm sido publicados não estão a ser tirados. Isto é: se os "ranking" permitem perceber as escolas onde os alunos obtêm melhores resultados (o que é muito importante para os pais quando estes têm liberdade de escolha) também indicam quais as que têm piores resultados — o que deveria levar o Ministério a desencadear acções destinadas a melhorar as condições em que essas escolas trabalham. Porque é possível melhorar: aqui e além há exemplos de escolas que saíram dos últimos lugares e registaram impressionantes progressos. Infelizmente não a excepção, o que indica que ou a evolução é conjuntural ou, então, resulta do esforço da escola. O que não devia ser possível era encontrar, dois anos seguidos, a mesma escola pública, para mais situada numa zona deprimida do país, no último lugar.

No entanto, em vez de centrar as suas preocupações na escola, em dar-lhes condições para terem lideranças fortes e corpos docentes estáveis, em ajudá-las a melhorar e a conhecer as melhores práticas, o Ministério faz exactamente

No entanto, em vez de centrar as suas preocupações na escola, em dar-lhes condições para terem lideranças fortes e corpos docentes estáveis, em ajudá-las a melhorar e a conhecer as melhores práticas, o Ministério faz exactamente o contrário ao, por exemplo, centralizar a colocação de professores e fazer das suas carreiras um rali aleatório pelo país que só acaba quando o professor

todos que lhes permitam trabalhar melhor com os alunos — as reportagens que publicamos são, a esse nível, elucidativas. Especialmente a realizada no colégio de Vila Real que, surpreendentemente, alcançou este ano o topo da lista, um colégio que por se situar numa das regiões com os piores resultados do país mostra que é possível fazer a diferença quando se trabalha para isso.

De resto o mesmo ocorre noutras regiões, onde por vezes se destacam ilhas de excelência num mar de mediocridade, sendo que alguns dos concelhos com melhores resultados médios nalgumas disciplinas são concelhos pobres do interior do país. É no que aí se passa que se deve pôr os olhos — é o que aí se passa que o Ministério deveria estudar e divulgar, pelo menos entre os que ficam sistematicamente para trás.

Esta última questão é, de resto, muito importante quando há escolas que parecem irrecuperáveis, quando "cair" nessa escola é quase como ser condenado a um ensino medíocre, quando são os mais pobres que não conseguem fugir a esse destino, o Ministério deveria permitir a emergência de escolas concorrentes, mesmo que não públicas mas integradas na rede pública e cujos alunos, sendo caso disso, deveriam ser subsidiados para sa frequentar. Isso permitiria uma liberdade de escolha que estimularia as escolas a lutarem pelos seus alunos, algo que notamos no topo da tabela onde se mantém um fortíssimo peso de estabelecimentos do ensino privado. E mantêm-se porquê? Porque se não formarem bem os jovens que os frequentam, os pais mudam os filhos de escola — os pais que podem pagar, naturalmente.

Esta assimetria entre os que podem e por estarem em escolas obrigadas a viver em ambiente concorrencial, vêm-nas melhorar os seus resultados, e os que estão condenados ao atenuamento no fundo da tabela é uma tremenda injustiça social que o Ministério, apesar de dispor deste excelente instrumento para comparar os resultados deixado acentuar. Assim, a degradação comparativa das escolas públicas, o que é exactamente o contrário do que defendem as defesas da concorrência: real igualdade de oportunidades não existe enquanto em cada vez mais últimos em alternativas melhores e meios financeiros, muitas vezes não conseguem aceder a elas. O que avado com a mistura de se leninista (contrário a de escolha dos pais centrais de escolha do país (inimigo das escolas, da sua autonomia e da sua responsabilização) que tem continuado a comandar as escolhas políticas feitas nos últimos anos na 5 de Outubro.

In Público, 2 de Outubro de 2004.